



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Antirracismo e Serviço Social

O PROJETO DE EXTENSÃO “A AGENDA ANTIRRACISTA” COMO SAÍDA ANTIRRACISTA NA UFF- CAMPOS

JULIANA DESIDERIO LOBO PRUDENCIO ¹

GEOVANA APARECIDA CORREA ²

ISADORA AMARAL DE CASTRO ²

ESTHEFANY BORGES SOARE ²

RESUMO: O presente escrito busca apresentar as ações do Projeto de Extensão a Agenda Antirracista ao longo dos anos de 2021 e 2022, como referência para ações antirracistas na Cidade de Campos dos Goytacazes. Mostrando a importância do debate do racismo para a luta antirracista e fortalecimento do povo negro.

Palavras-chaves: Extensão; racismo; antirracismo

ABSTRACT: The present writing seeks to present the actions of the Extension Project to the Anti-Racist Agenda over the years 2021 and 2022, as a reference for anti-racist actions in the City of Campos dos Goytacazes. Showing the importance of the racism debate for the anti-racist struggle and strengthening of black people.

Keywords: Extension; racism; anti-racism

1 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Fluminense

2 Estudante de Graduação. Universidade Federal Fluminense

1-INTRODUÇÃO

O racismo compreendido enquanto racismo estrutural se apresenta como forma estruturante da sociedade capitalista brasileira. Por sua vez, é um resultado do período escravista em que a população africana fora sequestrada para o trabalho forçado / escravo no período colonial no Brasil.

Logo, o racismo precisa ser compreendido como uma questão da estrutura social, que apresenta a supremacia de um grupo sobre outro, e neste caso, a supremacia branca como dominante. Diante disso, é necessária a luta e resistência contra o racismo e porque não uma formação “antirracista” no Serviço Social brasileiro.

O debate sobre o racismo vem ganhando espaço na agenda pública brasileira há cerca de duas décadas, no entanto é nos últimos anos que ganha corpo, voz e força através dos movimentos negros e estudiosos da área. Em especial a partir das denúncias realizadas pela população negra sobre a violação de direitos, violências (sobretudo estatal e policial), discriminação racial, exclusão, compreensão do racismo como crime, dentre outros.

O movimento de busca pela inclusão da população negra na sociedade e o debate antirracista apresenta-se enquanto dívida histórica e exercício cotidiano de fortalecimento da luta do sujeito negro e antirracista, onde a população em geral precisa se colocar. A Lei de Cotas (Lei nº12.711/ 2012) trouxe a importância do debate sobre o racismo nas universidades e descortinou o racismo institucional.

Com isto, o Serviço Social no Brasil vem introduzindo o debate das questões étnicas e raciais nos currículos de formação e realizando esforços no debate acerca das questões de racismos e na denúncia de práticas criminosas neste campo. No Curso de Serviço Social na UFF – Campos, este percurso se inicia em 2020, em dezembro, a partir da denúncia de alunas negras, alunas não negras e antirracistas sobre atos de assédio e racismo vivenciados em diálogo realizado na roda de conversa “Entre as mulheres negras e antirracistas: vamos falar de racismo na UFF Campos”, promovida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Espaço e Raça (NEPER) e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental, Álcool e outras Drogas (NEPSAD).

Desde então, o tema raça vem adentrando o debate do Departamento de Serviço Social que culminou no Seminário Interno do Curso de Serviço Social: Diálogos Pedagógicos. Neste espaço, se pensou o lugar do tema raça no currículo de formação e a formalização da criação de uma agenda antirracista e permanente na UFF Campos através de um projeto de intervenção.

Diante disso, em março de 2021 temos o projeto de extensão “A agenda antirracista” que busca a existência de um espaço permanente de debate acerca das questões raciais e antirracista na Cidade de Campos dos Goytacazes através da UFF Campos.

Com o objetivo geral “propiciar aos discentes e docentes da UFF Campos, bem como aos movimentos sociais, moradores das proximidades da UFF Campos e profissionais que tenham apressado e responsabilidade pelo tema na Cidade de Campos de Goytacazes, um espaço de discussão democrática acerca do racismo e de suas expressões na população negra. E os objetivos específicos: possibilitar um espaço de troca e reflexões sobre a estrutura social racista no Brasil e compreender o racismo na Cidade de Campos de Goytacazes; colaborar com o fim de ações racistas na UFF Campos e na Cidade de Campos de Goytacazes, com grupos de discussões e reflexões sobre a temática em destaque; criar um espaço antirracista permanente na Cidade de Campos de Goytacazes em conjunto com os discentes e docentes da UFF Campos e a sociedade em geral;

construir iniciativas duráveis para o enfrentamento e combate ao racismo, sistematizando os acúmulos obtidos durante a realização da agenda acadêmica por meio de materiais online, que serão amplamente divulgados; fortalecer a compreensão da história da negritude em nossa sociedade, através de encontros mensais que tratem da manifestação cultural e artística da população negra; e possibilitar uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a população negra possa escolher o seu lugar.

A metodologia de trabalho utilizada no ano de 2021, ano em que a pandemia ainda exigia atividades de forma remota/online, foi encontros mensais via googlemeet com sujeitos envolvidos com o tema racial (estudantes, docentes militantes). Neste primeiro ano as ações do projeto se davam em forma de palestra ou rodas de conversa online. Já em 2022 vem sendo realizadas rodas de conversa, intervenções em escolas, vídeos debates e grupo de estudos de forma presencial.

Atualmente a equipe do projeto é composta pela coordenação de uma docente do curso de Serviço Social do Departamento de Serviço Social da UFF Campos, 1 bolsista de extensão e 5 alunas voluntárias (do curso de Serviço Social e Psicologia).

As atividades desenvolvidas desde 2021 nos mostra a relevância do debate racial na universidade e nos arredores, proporcionando o fortalecimento da luta antirracista e o conhecimento / pertencimento do ser negro pelos envolvidos. Com isso, o projeto de extensão vem realizando intervenções expressivas no que o debate acerca do racismo, o fortalecimento da pessoa negra e a constante reflexão sobre o racismo na Cidade de Campos dos Goytacazes.

2- O RACISMO EM DEBATE

A formação sócio-histórica do Brasil tem como base o racismo na construção do regime

capitalista, por intermédio das práticas escravistas no período colonial, onde é o marco da hierarquização da raça branca sobre a preta, elucidando, ainda mais, este racismo estrutural, que consoante Carneiro (2003), é o racismo naturalizado no cotidiano através de falas, pensamentos e atos que promovam o preconceito e a segregação racial.

Além disso, é cabível salientar a visão dos corpos pretos por parte da sociedade, tais como a sexualização, idealização e objetificação, o que resulta na violação desses corpos, sendo assim, ainda mais importante e primordial os debates antirracistas.

Já o racismo institucional é compreendido pelas práticas racistas em instituições, como a inserção da população negra em lugares subalternos, as violências físicas, morais e psicológicas cometidas pelas instituições e dentro delas, ademais, outro crescente é o de não perpetuarem a história dessa população, não tendo espaço para a propagação de sua cultura. (ALMEIDA,2020)

Ainda existem espaços em que a população negra não ocupa, como por exemplo universidades, institutos e outras instituições de ensino básico ou superior. Dito isso, a implantação da Lei de Cotas surge como uma política pública para introduzir o começo de uma reparação, daquilo que foi tirado de pretos, pardos e indígenas.

Dessa forma, além da dívida histórica que o país possui diante aos anos de exploração, essa lei veio para minimizar as diferenças raciais e socioeconômicas que sempre existiram no Brasil. Essa lacuna no país, inicia-se com a abolição quando os recém-libertados não tinham nenhum apoio para inserirem na sociedade de forma justa e igualitária. E assim o abismo social gerado nessa época, traz consequências até hoje. No entanto, percebe-se que ainda são espaços onde o racismo institucional é presente, o que traz a realidade do quão despreparados o país ainda é quando o assunto é racismo.

A emergência da discussão da negritude em qualquer espaço é necessária, e inserir o assunto em universidades se faz urgente. Entender a razão pela qual a política de cotas existe, refletir sobre posição em que ocupa socialmente por conta da sua raça, para assim desmistificar o “mito da democracia racial”, o qual tentam pregar o tempo todo que “somos todos iguais” é latente para a compreensão da nossa formação sócio-histórica e construção de uma sociedade antirracista aliada ao fortalecimento do povo preto.

Movimentos antirracistas têm cumprido o papel na busca pela inserção dos sujeitos

negros na sociedade e ganhado força. Todavia, continuam sendo perseguidos e mortos, em suas casas na rua, ao voltar do serviço ou um ambiente público, pessoa negras ainda são atacadas todos os dias; ou seja, ainda é o corpo mais vítima da violência urbana e policial.

Outro ponto que ganha destaque é o massacre violento pela cor e que vem ganhando espaço na pauta de reivindicações dos movimentos antirracistas no mundo. Destaque este pela violência estatal que a referida população vem sofrendo seja através da violência policial, seja pela ausência de políticas públicas inclusivas. Com isso, observa-se uma crescente nos movimentos de denúncias contra o racismo que ganham força mundial como, em especial, em 2020 contra a truculência dos agentes estatais no assassinato de George Floyd nos EUA e de João Alberto Silveira Freitas no Brasil.

É inadmissível que a pauta antirracista ainda seja secundarizada no meio acadêmico diante dos esforços midiáticos e intelectuais na apresentação da importância deste debate. Há extrema relevância na construção da formação ética e política atenta à centralidade da questão racial para a leitura crítica das expressões da questão social, sobretudo em uma sociedade onde 78%³ da população negra é morta por ações policiais; a mulher negra ainda é desrespeitada pelo seu tipo físico⁴.

Visto que ainda temos histórias como de Miguel (criança morta pela patroa que a deixa subir de elevador ao 9º andar em Recife), de João Alberto Silveira Freitas (espancado até a morte no Supermercado Carrefour na zona norte de Porto Alegre), de Madalena Gordiano (encontrada em condições análogas ao trabalho escravo após 38 anos em Minas Gerais), de Yasmim Costa dos Santos (encontrada morta vítima de feminicídio em Aracajú) e tantos outros nomes que poderíamos destacar, as justificativas para pautarmos o debate antirracista e a luta pela não violência aos corpos pretos é urgente e indispensável.

Cabe destacar que, segundo o Atlas da Violência (IPEA, 2020), 68% das mulheres assassinadas são negras e dessas ainda são as mulheres negras mais vítimas de feminicídio. E o mesmo atlas apresenta que os crimes voltados a população LGBTQI+ tem uma crescente em 76,8% e são majoritariamente contra pessoas negras entre 2018 e 2020. (IPEA, 2020).

3 Para aprofundar, disponível em: <[Pretos e pardos são 78% dos mortos em ações policiais no RJ em 2019: 'É o negro que sofre essa insegurança', diz mãe de Ágatha | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](#)>. Acesso em: 08 de fev. de 2021.

4 Para aprofundar o debate ver Gonzales (1980).

Se avançarmos na leitura dos dados, vemos que o levantamento realizado pelo Infopen/ DEPEN⁵ em 2016, o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias mostra que 64% das pessoas presas são negras, sendo deste universo 40% presos provisórios; aqueles que aguardam sentenças e/ou julgamento e que muitas vezes são inocentados e que mesmo assim tiveram tempo de espera privados de liberdade por 2 anos (ou seja na prisão), como o caso de Rafael Braga.

Entretanto, o IPEA (2020) destaca a redução no número de crianças e adolescente negras vítimas de violência, no entanto ainda temos os dados de que em 2020 foram 12 de crianças⁶ mortas por ação de agentes do Estado, apenas na Cidade do Rio de Janeiro.

Esses rápidos números servem para apresentar a população brasileira é composta por 207,6 milhões habitantes e que desse dado, 50,74% são pessoas negras e negros pelo censo do IBGE (2010). Ainda que representemos a metade da população somos minorizados em situações de poder e temos um número expressivo de mortes pela cor da pele, consequência explícita do racismo estrutural e institucional.

A predominância da violência contra a população negra e seu extermínio é recorrente, ou seja, o racismo mata no Brasil, pois potencializa a violência sobre esta parcela da população e autoriza ações para invisibilizar e silenciar os corpos pretos, como explica Carneiro (2003). Diante disso, se faz necessário fomentar espaços de debate e de reflexões sobre a condição do ser negra e negro no Brasil e os reflexos do racismo como caminhos para a compreensão e inserção dos temas raciais nas agendas públicas e privadas.

Contudo, pensar o racismo e uma agenda antirracista é trazer as dores e as potencialidades criadas para suportar e emergir no racismo. E é esta a proposta do Projeto a Agenda Antirracista: promover por meio da literatura, arte, cinema, cultura e do movimento negro o debate sobre o racismo no Brasil na Cidade de Campos dos Goytacazes, mediante a participação de discentes, docentes e a sociedade em geral (sujeitos da cidade que entendam a importância do tema e as reflexões que serão geradas pela agenda antirracista). Além disso, é também parte da proposta deste projeto, a produção de materiais online anuais a partir dos debates ocorridos na agenda, com a possibilidade de difundir o

5 Dados coletados pelo Sistema do Departamento Penitenciário Nacional, através do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), disponível em: [<https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen>], acesso em 27 de set. de 2020.

6 Para maiores informações, disponível em [Assassinatos de crianças no Rio de Janeiro escancaram lentidão da Justiça nos casos de violência policial | Atualidade | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#) acesso em: 08 de fev. de 2021

tema do racismo de forma nacional.

3- A AGENDA ANTIRRACISTA EM CENA

3.1- A inserção da Agenda Antirracista em Campos dos Goytacazes

No ano de 2021 as atividades da agenda antirracista iniciou no mês de março e foi realizado dez encontros virtuais, através da plataforma do Google Meet, em decorrência da pandemia da Covid 19. Os nossos debates foram fortalecidos por profissionais da área do Serviço Social, Psicologia e ativistas do Movimento Negro, bem como pela comunidade acadêmica e social da cidade de Campos e de outros municípios do Estado do Rio de Janeiro.

O nosso primeiro encontro aberto a comunidade, ocorreu em março, com o tema “Mulher Negra e sua condição feminina”. A discussão mostrou o processo de conscientização, da importância que deve ser dada para o tema da Mulher Negra, buscando soluções e mecanismos que diminuam o fluxo desigual onde essas mulheres se encontram na sociedade. O debate foi brilhantemente mediado pela psicóloga e ativista do movimento negro de mulheres, Luciene Lacerda.

Em abril, no nosso encontro dois, foi pensado e e posto o tema: “Relações raciais no Brasil no pós Abolição: política social e trabalhadores negros”. O debate aberto possibilitou análises acerca da condição atual no que tange: a lei de cotas, as políticas sociais e o atual cenário. do negro no Brasil, com a docente e Assistente Social, Gracyelle Gomes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No mês de maio, o tema “Resistências e estratégias de lutas para a agenda antirracista” foi extremamente potente, com a Docente e Assistente Social, Ana Paula Procópio, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que trouxe reflexões acerca da organização e luta antirracista no debate atual. Afirmando a importância de uma sociedade antirracista a partir de análises de nossa história.

O quarto encontro no mês de junho, com a participação da ativista do movimento negro em

Campos dos Goytacazes e pedagoga, Jéssica Oliveira, foi possível a discussão acerca do “Racismo estrutural e institucional na universidade”. A mediadora proporcionou instrumentos de reflexão no que tange a importância do debate, de projetos e reformas curriculares que abordem a questão racial para a luta antirracista e maior inclusão da população negra. Foi exposta sua experiência enquanto graduanda (no movimento estudantil) e graduada em pedagogia (nas ações atuais na cidade) no combate ao racismo e na luta antirracista.

Por celebrar o dia da Mulher Negra, Latino Americana e Caribenha, Julho foi um mês de grandes destaques para ações antirracistas no nosso projeto, realizando assim 03 atividades:

A primeira foi a exposição de grandes mulheres negras, iniciando com a exposição no Instagram da Agenda Antirracista, onde durante 27 dias, revivemos histórias de lutas e conquistas com a exposição sobre Mulheres Negras, que foram fundamentais para a luta antirracista e emancipação feminina. Dando a rede social um espaço de reflexão e destaque para essas grandes mulheres.

Já a segunda foi a Mesa temática “A mulher como potência e o 25 de julho”, mediada pela Assistente Social Tariane Silva, que trouxe reflexões importantíssimas sobre o processo de luta feminina e feminista negra, reafirmando a importância do dia 25 de julho como dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha; localizando o lugar das mulheres negras e não negras na luta antirracista.

Por fim, em terceiro: no dia 20/07 realizamos um celebração ao dia 25 de julho com a representante dos Pretas Psis, a aluna Vitória Ariel do curso de Psicologia da UFF- Campos e integrante do coletivo de estudantes negras do Curso de Psicologia, nos abrilhantou com uma roda de conversa nos levando a refletir sobre a condição da mulher negra na universidade pública, trazendo sua vivência e existência na UFF Campos.

O sétimo encontro em agosto, foi realizado com a mediação do assistente social Daniel Campos tivemos o tema “Como é ser Negro no Brasil hoje?”, auxiliando nas reflexões e desconstruções acerca do homem negro forte, perigoso e hipersexualizado; aquele principal alvo das investigações policiais. Foi alimentada reflexões sobre o perfil dos beneficiários das políticas sociais e estimulado a análises sobre o que é pensado em relação aos homens negros.

No mês de outubro, foi abordado o tema interseccionalidade, com a mediação de Rachel Barros, trazendo análises sobre o movimento negro e as desigualdades socioterritoriais, e se deu em parceria com a ação de extensão intitulada “Racismo e Serviço

Social”.

O nono encontro, realizado no mês de novembro, foi exposto como tema o dia “20 de novembro: o que celebrar?”. As análises apresentadas pela psicóloga e ativista Tamillys Lírio possibilitaram reflexões profundas sobre a condição de ser negro no Brasil e a importância do dia 20 de novembro ser todos os dias, como ato diário de militância antirracista. Neste mesmo mês o projeto foi convidado para uma intervenção, online, junto aos alunos de uma escola municipal do município de São João da Barra, com o tema “Somos racistas?”. Na intervenção foi possível dialogar sobre as falas racistas que usamos no cotidiano e o nosso papel na luta antirracista.

O último encontro foi apresentado no mês de dezembro, com a participação na Mostra de Produtos de Extensão da UFF, levando o Instagram da Agenda Antirracista para apresentação a comunidade acadêmica.

3.2- A Agenda Antirracista em 2022: fincando os “pés” em Campos

O ano de 2022 foi inicialmente marcado pela esperança do retorno presencial das atividades da UFF Campos. Em março, o projeto foi revisto para que atendesse ambas as demandas: formato presencial e híbrido, já que as aulas não voltaram totalmente de forma presencial. Nesse sentido, foi ampliado a equipe de organização e divulgação do projeto de forma mais próxima dos que circulavam pela UFF Campos.

Posteriormente, foi organizado encontros internos para a distribuição de ideais e objetivos para o ano de 2022, onde foi estabelecido tais ações: Grupo de Estudo Lelia Gonzales, aberto a comunidade em geral para a discussão e leitura das obras da autora, (atualmente foi realizado dois encontros); atividades fora do espaço da UFF Campos para levar o debate até as escolas municipais da cidade; apresentação e discussão da agenda em pré vestibulares sociais da comunidade; reuniões de discussão interna com a leitura de bibliografias antirracistas e do movimento negro; programações de participação em saraus e atividades culturais e o aumento de publicações na rede social Instagram.

Ademais, o nosso projeto consta atualmente como uma ação além do curso de Serviço Social e sim com um Projeto da UFF Campos no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional a convite da direção do polo. Resultado do reconhecimento da importância do debate antirracista e da atenção acerca do racismo institucional perpetrado

pela UFF Campos.

Outra aproximação importante é o diálogo com a Subsecretaria de Igualdade Racial e Direitos Humanos da Prefeitura de Campos, para ampliarmos a discussão para além do espaço acadêmico. E as intervenções no Pré - vestibular comunitário e no Colégio Estadual José Francisco de Salles levando o debate sobre o racismo e o ser negro no Brasil.

O projeto também tem sido abordado através da ferramenta social, Instagram, no @agenda_antirracista, onde constam 356 seguidores, sendo abordado e gerado discussões sobre o antirracismo, sendo levado o projeto e sua discussão para a sociedade, através de posts educativos, sugestões de podcasts, livros e condição atual de negras e negros na sociedade por notícias.

Cabe destacar a importante do projeto no que tange a ampliação do debate racial através da extensão universitária, firmando sobre a relevância primeira do debate cotidiano sobre a questão da população negra no Brasil seja no cerne da universidade, seja no diálogo com a sociedade em geral.

O tema racismo durante muito tempo estava embaixo de panos nos porões das senzalas, com o aumento dos inúmeros casos de violência contra a pessoa negra na sociedade, foi visto necessidade da eclosão de movimentos, gritos e de corpos buscando a recolocação nos seus espaços. Com isso, a cada dia se faz mais urgente o acesso as histórias sobre as trajetórias negra, histórias contadas pelo olhar desse povo e não reinventada pela branquitude. Sobretudo, com a possibilidade de reviver a cultura, a religião e o ser ancestral.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que as atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão a Agenda Antirracista através da plataforma digital e posteriormente de forma presencial, trouxeram e trazem esperanças para a comunidade negra, e ainda possibilitou a construção de corpos antirracistas de fato, com acesso a debates qualificados e atentos as verdades sobre o que é ser negro no Brasil, com criticidade, vivência e pesquisas.

Diante desses 2 anos é possível o observar que o Projeto de Extensão a Agenda Antirracista possibilita: a formação de um espaço permanente que possibilite o diálogo sobre o racismo e denúncias de práticas racistas; mm espaço de referência pela acolhida à população negra e antirracista no qual seja possível a manifestação da negritude por meio da arte, da literatura e das pesquisas realizadas pela UFF Campos (e demais unidades de

pesquisa na cidade). A socialização de informação a Cidade de Campos dos Goytacazes e expansão desta informação para o território nacional, de forma online e lúdica. Com a produção de material online e anual que traga a temática do racismo, de forma que um número significativo de pessoas possa refletir sobre a temática e criar ações antirracistas. E por fim, ações mensais que fortaleçam o estar da população negra na sociedade, a formação de sociedade contra o racismo e antirracista.

A agenda antirracista ainda aproximou da UFF Campos, Coletivos Negros da Cidade de Campos dos Goytacazes e da Cidade do Rio de Janeiro, os nossos encontros virtuais e presenciais somaram 634 participantes.

A extensão universitária versando sobre os temas que assolam e oprimem a sociedade capitalista brasileira é a expressão da força pulsante da universidade pública que deve operar na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. O racismo é apenas uma das formas de opressão vivenciada pelos corpos negros, mas que tem na sua história a construção diária de violências, assédios e exclusões. E a extensão precisa caminhar de “braços dados” com esta temática, na possibilidade de avançar no debate na sociedade e persistir em ações que atenda a um povo que teve sua história e cultura roubada e que vivência altos níveis de expropriação.

A construção de uma agenda antirracista é um dos caminhos para pensarmos ações efetivas e permanentes de combate ao racismo nas universidades e na sociedade, fortalecendo e dando maior visibilidade a luta dos movimentos negros e formação antirracista, assim como motivação para ser repensado currículos e práticas na universidade e propostas extensionistas.

5- REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Feminismos Plurais. São Paulo, Editora Jandaia.2020

BRASIL. **Lei nº 12711**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília,

2012. Disponível em: < [L12711 \(planalto.gov.br\)](http://L12711.planalto.gov.br)>. Acesso em: 07 de agosto. de 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1980.

IPEA. Ministério da Economia. **Atlas da violência**. Brasília, 2020. Disponível em: < [Ipea - Atlas da Violencia v.2.7 - Atlas da Violência 2020](http://ipea - Atlas da Violencia v.2.7 - Atlas da Violência 2020)>. Acesso em: 07 de agosto. de 2022.

INFOPEN. Sistema do Departamento Penitenciário Nacional, através do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), disponível em: [<https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen>], acesso em 11 agosto. de 2022.

KILOMBA, Grada. A Máscara. Cadernos de Literatura em Tradução, tradução de Jessica Oliveira de Jesus, São Paulo, nº 16 p. 171-180, 2016.

SOUSA, N.S. Tornar-se negro ou vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2ª edição, 1983

,